

EDITORIAL

Retratos do Brasil

O cruzamento dos dados da Pnad e do estudo da FGV intitulado “A Nova Classe Média: O Lado Brilhante dos Pobres”, mostra contrastes nas condições de vida da sociedade. A renda do trabalho cresceu, mas há falta de esgoto

O Brasil tem avançado muito em termos de melhorias socioeconômicas, mas ainda mostra um desafiante mosaico de condições, com graves questões a ser equacionadas. É o que mostram as estatísticas de 2009 da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) e o estudo intitulado “A Nova Classe Média: O Lado Brilhante dos Pobres”, feito pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas.

O país evoluiu, mas ainda carrega o peso do atraso. Abriga contrastes como ausência de esgoto para 40% da população (excluindo o meio rural). A precariedade desse serviço implica mais gastos com saúde, afeta a qualidade de vida das pessoas e influi na deterioração do meio ambiente.

Paralelamente a essa situação, verifica-se expressiva mobilidade social, alimentada por aumento no nível da renda. Isso ocorre graças, em parte, a políticas sociais, como o Bolsa-Família, mas é devido, sobretudo, aos investimentos do setor privado – apesar do excesso de juros, de tributos, da legislação trabalhista antiquada e de outras condições adversas para produzir.

A mobilidade social se reflete em várias melhoras no padrão de conforto das famílias, notadamente quanto ao acesso aos bens de consumo duráveis em geral. A iniciativa privada está respondendo à demanda – de emprego, para quem quer trabalhar, e de bens, para quem quer comprar. Falta o setor público ampliar investimentos em serviços como esgoto, saúde, segurança, etc.

O cruzamento da Pnad com a pesquisa da FGV mostra que aproximadamente 29 milhões de pessoas passa-

Cerca de 29 milhões de pessoas passaram a fazer parte da classe média do país entre os anos de 2003 e 2009

ram a fazer parte da classe média brasileira entre 2003 e 2009, que agora abriga 94,3 milhões de cidadãos. O aumento percentual do contingente atingiu 34,3%. Só entre 2008 e 2009, anos marcados por influência eleitoral e ampliação de políticas econômicas e sociais, 3,2 milhões de pessoas desembarcaram na classe média. Mais da metade da população, 50,5%, integra a classe média nacional.

O estudo da FGV traz um conceito muito elástico de classe média. É definida pelo nível de renda domiciliar total entre 1.126 reais e 4.854 reais. Significa que uma família na qual três pessoas ganham, cada uma, menos de um salário mínimo, pode estar enquadrada na condição de classe média.

Ainda assim, o consumo das famílias deve crescer neste ano mais de 8%, de acordo com estimativa do governo. Houve crescimento de 2,2% no nível de rendimento do trabalho, entre 2008 e 2009. Ainda foi insuficiente para voltar ao patamar do início do Plano Real. Em 1996, a média era de R\$ 1.144,00; em 2009, ficou em R\$ 1.111,00.

A camada da população mais atingida pela crise econômica do ano passado foi a chamada classe A. Trata-se do estrato que menos ganhou integrantes de 2008 para 2009: mais 106.487 pessoas passaram a ocupar o

topo da pirâmide social. Essa estatística, associada à rápida expansão da classe média e ao encolhimento da classe D, indica menores disparidades na distribuição da renda.

Mas há um longo caminho a se percorrer nesse sentido, o que requer melhoria das condições de incremento das atividades privadas e maiores investimentos em educação. O Brasil ainda investe cerca de 4,7% do PIB na área educacional, portanto bem menos do que o mínimo de 6% recomendado a todos os países por organismos de alta credibilidade, como a Unctad, vinculados à ONU. Essa é uma questão crucial para o padrão de vida da população e para o crescimento continuado da economia.

Espera-se que a Pnad e o estudo da FGV possam orientar ações do próximo governo.